



PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MARGARETE MARIA PIORESAN [MEG] (2)

(entrevista)

2021

GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF

FICHA TÉCNICA

Projeto: Grupo de Estudos Mulheres do Futebol

Número da entrevista: E-704

Nome da entrevistada: Margarete Maria Pioresan

Nascimento: 01/01/1956

Local da entrevista: Plataforma Zoom

Entrevistadoras: Juliana Cabral, Silvana Goellner, Márcia Tafarel, Tais Picarte e Dilma Mendes

Data da entrevista: 22/03/2021

Transcrição: Lidiani Luz Da Silva

Copidesque: Silvana Vilodre Goellner

Pesquisa de termos: Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 2 horas 10 minutos e 37 segundos

Páginas Digitadas: 35

Observações:

Entrevista realizada pelo Grupo de Estudos Mulheres do Futebol e cedida para o projeto Garimpendo memórias em 23 de outubro de 2023

* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo GRECCO – Grupo de Estudos em história, Cultura e Esporte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O LECCORPO realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: PIORESAN, Margarete Maria. Entrevista concedida por Margarete Maria Pioresan (Meg) ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistadoras: Juliana Cabral, Silvana Goellner, Márcia Tafarel, Tais Picarte e Dilma Mendes. UNIVASF, Petrolina (PE), 22 mar. 202, 38 p.

SUMÁRIO

Infância; Saída da cidade natal para fazer faculdade de Educação Física; Iniciação do handebol; Participação em competições; Segunda graduação em Fisioterapia; Preconceito na infância; Atuação na seleção de handebol; Bolsa para estudar; Início no futebol; Adaptação do handebol para o futebol; Inspiração; Sul Americano; Conciliação entre futebol, handebol, faculdade e trabalho; Saída do futebol; Conquistas no handebol; Falta de times de mulheres; Jogos com a seleção; Falta de reconhecimento; Jogo inaugural; Profissionalização; Caso de preconceito no esporte; Aparência das jogadoras; Vida fora do esporte; Comentarista de futebol de mulheres; Reconhecimento das novas gerações; Falta de reconhecimento da Confederação Brasileira de Futebol; Reconhecimento; Projetos futuros; Inserção no futebol na atualidade.

Porto Alegre, 22 de março de 2021. Entrevista com Margarete Maria Pioresan a cargo das pesquisadoras Silvana Goellner, Juliana Cabral, Marcia Tafarel, Tais Picarte e Dilma Mendes para o Grupo de estudos Mulheres e Futebol

S.G. – Meg, inicialmente gostaria de agradecer teu aceite para conversar com nosso grupo e contar tua história. Tu és uma referência do esporte nacional e é uma honra conversar com você. E, para começar, eu pediria que você falasse como foi tua infância em relação as atividades esportivas, brincadeiras, etc.

M.P. – Então assim, jogar peteca, jogar queimada, subir em árvore, nadar em rio, mesmo antes de jogar futebol com os meus irmãos os tios já era uma coisa diferente para uma menina. Já era diferente e você era chamado de menino, não era normal aquilo. Normal era uma menina ficar em casa, brincar de boneca e ficar bem *arrumadinha*, isso que era o normal, ainda mais no interior, lá no sul do Brasil, aí piorou ainda mais [riso]. Então meus pais nunca me reprimiram, sabe, meus tios também não porque jogavam junto, de vez em quando aparecia um de visita que me chamava assim: o menino do Nísio. Nísio era o apelido do meu falecido pai, era Dionísio¹, então era “o menino do Nísio”. Isso ficava no meu coração, e eu falei “Que história é essa? Eu não sou menino, sou menina, que gosta de fazer coisas de... Não é de menino, mas gosta de brincar de brincar e qual o problema?” Então eu fui crescendo com isso até começar... Entrei no segundo grau e aí comecei a jogar vôlei pelo colégio, fui para Toledo² participar dos Jogos Abertos e foi aflorando esse negócio do esporte dentro de mim. Eu não sabia o que era handebol, nunca tinha agarrado no gol, nada, eu jogava vôlei, queimada peteca, bolinha de gude essas coisas e por conta disso... E por conta disso eu tive uma infância maravilhosa, entendeu?! Eu tive... Mas eu era diferente da... Até do time das meninas que jogavam vôlei porque elas não jogavam bolinha de gude, elas não jogavam... Depois eu comecei a brincar com meus irmãos atrás de casa, elas não jogavam futebol e no colégio das freiras onde eu estudei muito menos, imagina, uma menina jogar futebol no colégio das freiras, era o demônio correndo atrás de uma bola. [riso] Mas eu enfrentava essas situações, mesmo sofrendo *bullying*, quem não sofria bullying quando era criança? Eu sofri, acho que várias pessoas, meninos, meninas sofreram, mas aquela coisa era melhor... Maior dentro de mim, de você colocar para fora

¹ Dionísio Lourenço Pioresan.

² Município no Paraná.

aquela energia que você gostava de fazer. Meus pais nunca falaram um *ai* e minha mãe, ela costurava, era uma exímia costureira. Minha mãe é viva, com oitenta e sete anos, e a gente fala que ela era um estilista naquela época, só que era dona de casa e cuidava dos seis filhos, então, ela não trabalhava fora. Então o que ela fazia? Ela nunca me recriminava que eu voltava suja, que eu brincava, mas ela me fazia uns vestidinhos para usar nas festinhas, nos aniversários da família, eu usava o vestidinho, a saíinha, o sapatinho e depois eu jogava bola, brincava, pulava em árvore, tudo bem. Meu pai nunca falava nada até brincava e jogava comigo. Conforme eu fui crescendo e amadurecendo aquelas imposições de ser menina começaram a me incomodar, não podia ficar na rua, do colégio tinha que vir para casa, não era porque meus pais não permitiam, a sociedade... Eu já estava identificando que eles não gostavam pela sociedade e eu começava a me incomodar quando tinha que vestir um vestido por imposição ou ter que me arrumar que nem menina. Eu lembro que depois eu ia no colégio passava na casa da minha vó ela me esticava o cabelo assim, me amarrava e me amarrava uma chucha³ para eu ir que nem menina, *bem arrumadinha*, e chegava a me arrancar o coro aqui do pescoço, sabe [riso]. Então foi assim que eu fui crescendo, fui para a adolescência assim, mas eu sabia o que queria, né. Eu queria fazer faculdade de Educação Física porque eu... Eu tinha essa facilidade. Aí, saindo de Toledo, saindo da minha infância, da minha adolescência já formada no segundo grau, tive que sair fora mesmo da cidade, porque lá não tinha faculdade, *nenhuma*, isso foi em 1975. E eu fui para Maringá⁴, pertinho de Toledo, quatro horas, cinco de carro. Passei no vestibular da UEM, Universidade Estadual de Maringá, e comecei ali... Eu digo assim: ali começou a minha carreira de atleta, de atleta mesmo, profissional não, porque a gente não era profissional, mas a vivência de atleta, a responsabilidade porque eu aprendi a jogar no gol na faculdade, com as primeiras aulas de handebol. As primeiras aulas práticas meu professor falou: “Você vai para para o gol, que você é magra, você é alta e você é ágil”. Eu falei “Eu não sei nem o que que é isso”. E ele foi meio visionário, e aí eu fui para o gol, sai bem rapidinho eu já peguei a seleção da universidade. Tudo naquele ano em 1975, eu já peguei a seleção do Paraná universitária e já fui para meu primeiro JUBS⁵ em Maceió, como goleira de handebol. E fui em todos outros JUBS até... Tem quatro JUBS lá pelo Paraná até 1978... Seleção paranaense e jogava vôlei também pela faculdade e pela seleção paranaense, lá no JUBS, mas no Paraná eu fazia tudo junto. E na história também

³ Rabicó. Elástico de prender o cabelo.

⁴ Município no Paraná.

da faculdade passou, eu fui me destacando como goleira de handebol e no meu último JUBS em Curitiba... Já disputando outro JUBS contra o Rio de Janeiro, o pessoal do Rio de Janeiro... Fizemos a final em Curitiba em 1978, Paraná e Rio de Janeiro e pessoal de Rio de Janeiro me convidou, eu falei: “Olha, eu quero fazer Fisioterapia também!” Disseram: “Tá, tudo bem, você vai fazer sua segunda faculdade na SUAM”, Sociedade Universitária Augusto Motta, em Bonsucesso⁶. Você vai ter seu primeiro emprego na faculdade, no colégio, com carteira assinada.” Eu falei: “Misericórdia!” Sai de lá do interior, só tinha saído num bate e volta para campeonatos e deixei Maringá para lá, deixei... Eu tinha vinte e três anos... Vocês querem perguntar alguma coisa?

J.C. – Eu quero! Você estava falando a sua família, ela te incentivou a jogar os esportes que você jogava?

M.P. – Ela me incentivou num sentido que ela não me reprimia.

J.C. – E os vizinhos?

M.P. – Os vizinhos ficavam meio de olho vidrado, porque era uma menina que quando saía da quadra do vôlei lá do colégio, ali podia... Volêi, jogar com a mão podia, mas quando saía dali que pegava e tirava a roupa do colégio e ia jogar ali na rua de terra, que era tudo rua de terra, de poeira, seja queimada...

J.C. – Jogava na rua com os meninos?

M.P. – Seja futebol, com os meninos, pronto, aí o bicho pegava, eu já sentia os olhares, não eram os mesmos. Ai os pais não me reprimiam, mas eles também sentiam isso, por isso eles tentavam arrumar, né, botar o vestidinho e tal, ir nas festinhas, minha vó puxava o cabelo. Que nem eles entendiam muito bem o que estava acontecendo

J.C. – Na faculdade foi quando você começou a jogar mais organizadamente, digamos assim?

⁵ Jogos Universitários Brasileiros.

⁶ Bairro do Rio De Janeiro.

M.P. – Eu jogava vôlei organizado pelo colégio, competições entre colégio, colégio La Salle, colégio das irmãs, colégios públicos e quanto a seleção de Toledo eu cheguei a disputar campeonatos paranaenses jogando vôlei...

J.C. – Jogos Estudantis, né?

M.P. – Estudantis ou Jogos Abertos do Paraná, eu não cheguei a ir para o nível nacional com o vôlei... Foi uma ou duas participações que eu tive, organizado, eu tinha dezenove anos quando eu comecei a praticar os esportes e as disciplinas e que meu professor me botou no gol, que aí eu comecei a competir mesmo a nível nacional, como goleira de handebol.

S.G. – Meg, quando você chegou no Rio de Janeiro, você foi pela universidade e fazer Fisioterapia, é isso?

M.P. – Isso, perfeito.

S.G. – E você participou porque foi a goleira da primeira seleção de handebol também, né? Aliás não tem ninguém no mundo que tenha sido goleira da seleção de handebol e da seleção de futebol, só a Meg. [risos]

M.P. – É eu.

S.G. – Isso é muito específico, então eu queria que você falasse um pouquinho como que foi chegar na seleção na seleção de handebol. E, depois, quando que o futebol apareceu na tua vida e depois porque são gestualidades técnicas completamente diferentes. Atacar numa trave de futebol é completamente diferente do handebol.

T.P. – Com certeza, está sendo um prazer muito grande te ouvir porque meu início como goleira é bem parecido [risos]

M.P. – Você já jogou handebol também, no gol de handebol também?

T.A. – Joguei... Na verdade, no handebol eu jogava mais na linha, mas cheguei a jogar sim... Eu cheguei a jogar, mas na época eu era muito novinha... Aliás você foi a primeira goleira que eu vi jogar na televisão então, para mim, você sempre foi uma referência.

M.P. – Obrigada pelo carinho. Então assim, como é que eu posso dizer, quem me descobriu como goleira foi meu professor de handebol, o João Marim Mechia, ele que foi o culpado. [riso] Participei no handebol esses anos da faculdade, 1975 a 1978 pelo Paraná, então o que que aconteceu? Eu me firmei na posição como goleira em todos os campeonatos, tanto de seleção universitária como paranaense, não sei se é universitária, tudo que tinha eu era goleira titular, pronto. Eu estou falando porque eu era a goleira titular, não é para dizer que.. Eu estava ali disputava e sempre era titular, então isso chamou atenção no pessoal do Rio e me chamaram. No Rio de Janeiro continuei jogando handebol, cheguei em 1979 e tive meu primeiro emprego na faculdade, dava aula no colégio da faculdade... Assim saiu Paraná fora, saiu Toledo, saiu Maringá e chegou o Rio de Janeiro e na minha vida no Rio era o handebol a nível nacional, fiquei conhecida ali no meio esportivo como goleira de handebol. Então, cheguei lá continuei com o handebol, porém começou a entrar o futebol na minha vida, mas como? Nas praias de Copacabana, ali por 1980, com aquele movimento de futebol de areia. É que tinha um pessoal de Copacabana que a gente se encontrava nos jogos universitários das faculdades e começaram a me levar para lá, e foi uma coisa assim, todo mundo ia lá para Copacabana jogar futebol de areia. Eu também ia, eu era centroavante, eu não era goleira, mas era uma perna de pau, porém eu gostava daquilo, correr atrás da bola. E aí começou a entrar quem na jogada? O falecido Eurico Lira, presidente do Radar⁷ e a gente ficou ali um ano e eu joguei pelo American Denin. Em Copacabana os times eram formados com as ruas do bairro e joguei pelo American Denin e por outro clube lá do Leblon, tudo na linha como centroavante. Quando o Radar começou a ingressar na praia, que montou um time também, eu já comecei ir para o gol, eu não lembro detalhadamente, foi lá por 1980, 1981. Dali foi muito rápido para passar para o gol de campo porque o Eurico já começou a fazer esse movimento por conta do Decreto⁸ que já tinha caído, caiu em 1979, mas foi oficializado acho que em oitenta e três, um negócio assim...

⁷ Esporte Clube Radar.

⁸ Decreto-Lei 3.199 do Conselho Nacional de Desportos.

S.G. – Exatamente!

M.P. – Ele já tinha o movimento dentro da CBF⁹, era um cara que já tinha um movimento ali nas areias com o futebol de areia masculino e ele tinha acesso ao Fluminense¹⁰, ele sabia esses trâmites da federação e tal. Pois bem, ele montou o time de campo do Radar e disse: “Você vai ser goleira!” E eu: “Mas eu vou ser goleira?” Ele: “Sim, você vai ser goleira porque você já é goleira de handebol, você já viajou pelo Brasil, já tem essa experiência...” Não é internacional porque a gente nunca tinha saído com o handebol 1980, 1981. Mas eu já jogava enfrentava estádio cheio, ginásio cheio, eu já tinha essa coisa de me preparar, de treinar. Pois bem, aceitei o desafio, só que não foi nada fácil porque a primeira coisa eu já enfrentei foi a diferença do gol, das medidas que são totalmente diferentes e também a forma de defender a bola. No handebol você não se joga, não faz ponte, você fica em pé, você vai para lá vem para cá, você faz defesa alta, com passinho para cá, você não dá ponte, a defesa média você levanta a perna e o braço e a defesa baixa você abre aquele espacate que nem bailarina... Você aprende a sair em X, na época enfim... E no gol do futebol eu tive que começar a aprender outra dinâmica, outras defesas, outra maneira de ir a bola, então, eu tinha que aprender a trocar de mão, aprender a trocar os passos e eu jogando handebol e depois já jogando futebol também, a fazer a passagem para defender atrás, para frente saída de bola com a mão, defesa baixa com ponte, fecha o ângulo não em X, enfim, totalmente diferente. Eu usava meu reflexo, usava minha agilidade, usava minha força, eu tinha já treino para isso e fui me adaptando para usar também as maneiras de fazer as defesas, certo.

T.A. – Meg, você tinha treinamento algum específico?

M.P. – No futebol não... No handebol sim, eu já tinha treinador, que eram aqueles treinadores que só ia na própria faculdade, eles estudavam nos livros da Europa e aplicavam os treinos, mas no futebol eu não tinha treinador. Meu treinador era o Davi¹¹ nos primórdios do Radar de campo que era da Baixada Fluminense que tinha sido goleiro lá dos times de várzea da Baixada, então, era surreal os treinamentos eram nos campos, era

⁹ Confederação Brasileira de Futebol.

¹⁰ Fluminense Football Club.

pegar pedra, pedra, botar aqui em baixo e pular para fazer o treinamento de força. Os treinamentos de queda muitas vezes eram... Não tinha especificidade de um treinador de dez anos atrás e muito menos de hoje porque não existia. Fiquei alguns anos assim, na verdade sem treinador, no Radar que eu me lembro, não tinha treinador específico de goleiro, não tinha mesmo e eu ia aprendendo. Até o Eurico, que era um cara visionário, ele queria muito o futebol acontecesse então ele botava um testa de ferro para ser treinador do Radar, mas ele é que era o cabeça pensante. Nos treinos de aprimorar tática, de fazer a linha de impedimento, que ele usava muito lá atrás, era ele que dava os treinos e o Radar jogava como ele queria, inclusive ele dava algumas pitacos no gol [riso]. Aí comecei a observar também os treinadores dos goleiros, olhava nos jogos da televisão, eu ia muito ao Maracanã para assistir jogos.

J.C. – Meg, qual goleiro da época que você se espelhava? Tinha algum?

M.P. – Olha, olha na época quando cheguei no Rio eu não tinha time para torcer no futebol, eu torcia para os times lá do Paraná, era o Atlético¹², o Coritiba¹³... Eu gostava no Corinthians¹⁴ porque estava perto de São Paulo e no Rio eu comecei a me apaixonar pelo Flamengo¹⁵, olha só, hoje eu sou Vasco¹⁶, há muito tempo né [risos]. Então na época quem era goleiro do flamengo era o Raul¹⁷... Aquele timaço do Flamengo de 1980, com Zico¹⁸, com Júnior¹⁹, Leandro²⁰, aquilo era uma coisa maravilhosa de olhar aquele time jogar. Entendeu? Então de tudo era o Raul, e depois vieram outros goleiros e comecei a olhar os goleiros, porque eu era goleira também né.

J.C. – Meg, em algum momento você enxerga alguma mulher que te inspire?

M.P. – No gol?

¹¹ Nome sujeito a confirmação.

¹² Club Athletico Paranaense.

¹³ Coritiba Foot Ball Club.

¹⁴ Sport Club Corinthians Paulista.

¹⁵ Clube de Regatas do Flamengo.

¹⁶ Club de Regatas Vasco da Gama.

¹⁷ Raul Guilherme Plassmann.

¹⁸ Arthur Antunes Coimbra.

¹⁹ Leovegildo Lins da Gama Júnior.

²⁰ José Leandro de Souza Ferreira.

J.C. – Sim, no gol.

M.P. – Como goleira, naquela época não, olha quando eu comecei a jogar lá, tinha no Rio uma goleira que até foi em 1988, na seleção que eu pedi dispensa, que eu vou chegar lá porque estava no handebol, a Lica²¹...

S.G. – A Lica.

M.P. – Eu me admirava de ver ela jogar, ela jogava acho que pelo Bangu mesmo, ela era uma pessoa... A Lica até é falecida, era uma pessoa da periferia, uma pessoa... Porque uma goleira necessita de altura e ela não era alta pela posição, mas ela tinha uma impulsão e ela era destemida, então, acho que a minha primeira goleira assim que eu fui admirar foi ela. Mas não era assim, era quando a gente se encontrava porque a gente não ia no treino um do outro, então era a Lica e depois eu fui observando outras goleiras e com o Radar mesmo tinha umas goleiras de São Paulo, eu confesso que não lembro o nome e no Rio foram goleiras que também gostavam de jogar na posição, mas elas ficaram ali no Rio, naquelas competições, mas esses times eles não iam muito a nível de Campeonatos Brasileiros porque quem ia era mais o Radar mesmo, que era quem ganhava tudo lá no Rio. Então foi isso, inclusive até fora do Brasil, aí a gente começou a sair em 1982 foi o primeiro ano que o Radar saiu do Brasil, veja, eu acho que eu tinha um ano de goleira, ele foi para a Espanha, a gente foi participar de um torneio que na época da Copa do Mundo Masculina²². Nós fomos lá ganhamos todos os jogos, todos! Fomos para Toledo, olha os times da região ali a gente ganhava porque o Eurico não levou só o time do Radar, aí ele pegou gente de Bangu²³, pegou do Radar, pegou até umas pessoas de fora, ele era muito esperto nisso [riso], certo.

D.M. – Meg, eu quero retomar um momento histórico aqui para a Bahia que é na época que o Radar veio à Salvador para jogar contra o Clube Bahiano de Tênis... Ele não veio como Radar, porque tinha uma invencibilidade do Radar enorme e o Bahiano de Tênis era um clube, vamos dizer assim, de pessoas ricas do estado... E quis trazer o Radar porque

²¹ Vaneli Laurentino Lira da Costa.

²² A Copa do Mundo FIFA de 1982, realizada na Espanha.

aqui tinha um grande time, com a Helena [Nova, com Suzy Bitencourt²⁴, a Eliney Andrade²⁵ e o Radar, veio como Universidade Federal do Rio de Janeiro e você já era goleira, foi em meados de 1980...

M.P. – Eu não lembro, eu não vim, eu não joguei esse jogo, eu não vim para cá não. [Risos]. Dilma ou foi depois em 1984, 1985 que eu, pela dificuldade que eu tinha, de poder navegar por dois mundo, eu tive que me afastar do Radar bem em uma época que ele ia fazer um campeonato ou outro internacional e eu pedi dispensa porque... Só para voltar em treino, eu não participei deste jogo, acredito que foi depois que parei, porque o Radar não estava formado em 1981 contra o campo, ele se formou ali, mas ele eu acho que não tinha saído ainda.

S.G. – E na seleção de handebol, Meg, como foi sua convocação?

M.P. – Foi em 1893 foi montada a primeira seleção brasileira de handebol, cheguei no Rio em 1979, participei mais de alguns JUBS, e a primeira convocação nós fomos para o Sul-americano em Bueno Aires, foi montada uma equipe com todas as atletas do Brasil e o técnico foi o Willian Felipe, professor da Gama Filho. Então ali foi a minha primeira convocação pra seleção Brasileira de Handebol, meu sonho, porque eu estava navegando por dois mundos, estava começando a jogar no gol de futebol, mas a minha paixão era o handebol, era o gol de handebol, eu era *apaixonada* pelo gol de handebol, ali eu me sentia bem, eu me sentia poderosa [riso], entendeu? E aí eu fui navegando, peguei a seleção em 1983 e vou até 1989, com a seleção de handebol, participei de tudo, Sul-americano, Panamericano em Indianópolis com a galera toda do Brasil, Panamericano de Novo Hamburgo, de Colorado, fui para a Bulgária no Campeonato Mundial... E eu fui para tudo que tinha e foi bem intenso e ficava ali naqueles primeiros anos fazendo isso tudo, jogando pela faculdade, jogando pela seleção brasileira e treinando, jogando pela seleção carioca quando ia a campeonatos nacionais com clubes, jogando pelo Flamengo, que eu fui atleta do Flamengo no início de 1980 de handebol, e pelo Radar como goleira de futebol, e eu fiquei... Eu trabalhava, trabalhava, então, eu tinha que me virar nos trinta até para treinar. Aí quando cheguei, acho que 1984, 1985, eu falei: “Eurico, eu não aguento mais essa vida

²³ Bangu Atlético Clube.

²⁴ Suzy Bittencourt de Oliveira.

de cigana, de navegar para cá e para lá, não dá pra mim. Eu estou ficando bem cansada.” E ele insistiu, insistiu, era uma viagem internacional que ia fazer, a gente já tinha feito várias e eu falei: “Não dá, eu estou muito dentro da seleção de handebol e vai ter várias coisas pela frente e eu vou em frente, quero chegar em uma Olimpíada com handebol.” E a vaga para uma Olimpíada no handebol era uma só, o primeiro lugar das Américas: América do Norte, Central e do Sul e sempre foram das americanas... A gente fazia jogo duro, mas perdia e não conseguia e ficava em segundo lugar ou terceiro. E aí sai fora do Radar, me dediquei com o handebol, viajei tudo que tinha que viajar, e quando chegou em 1988, eu já afastada do Radar e do futebol, o Eurico chega... Lembro até hoje, chega lá no meu trabalho com a convocação na mão, e falando: “Meg, vai ter um campeonato lá na China de futebol que vai ser o primeiro campeonato mundial experimental, lá na China.” Eu falei: “Mas não vai ter chance, Eurico”, Ele com a convocação na mão, eu falei: “Eu estou me preparando pra ir para o Mundial da Bulgária ano que vem com a seleção brasileira de handebol.” Ele: “Não, porque handebol não existe, o handebol nao vai te levar a lugar nenhum.” “Mas eu vou, sou apaixonada pelo handebol.” E eu recusei a convocação, mas agradei, peguei a convocação, cheguei para uma diretora lá da faculdade, a Marli²⁶, ex-atleta da Seleção Brasileira de Basquete, naquela época ela era professora da Universidade Federal e ela falou: “Meg, não é assim que se faz, você tem que pegar e fazer um documento pedindo a dispensa oficial, falando porque você está pedindo a dispensa e levar lá na CBF, para eles arquivarem.” E assim eu fiz, ela me ensinou, eu fiz e levei lá na CBF. E fiquei no handebol e quando chegou 1991... Ai em 1989 eu fui para o meu último campeonato com a Seleção Brasileira de Handebol, meu último Mundial na Bulgária e encerrei minha carreira ali. Eu estava com trinta e quatro anos e falei: “Agora pronto, já fiz tudo”. E quando chega 1991, o Eurico me aparece de novo com a convocação para o futebol. Eu falei: “Não, eu parei. Não jogo futebol desde quando, Eurico? 1985 e você me vem agora me convocar. Eu estou com trinta e cinco anos!” Aí ele falou: “Meg vai ter o primeiro Campeonato Mundial lá na China e está tendo um zunzunzum que vai ter uma Olimpíada”. Falei: “Misericórdia!”. Aí eu balancei. riso] E pensei: “Como é que vou segurar minha onda depois dos trinta e cinco até quarenta anos”, porque ele falou que ia ter provavelmente Olimpíada em 1995. E eu pensei, pensei, pensei e disse: “Tá bom, eu vou aceitar!” E aceitei. Aí fomos para o Sul-americano de Maringá, a cidade que eu me formei,

²⁵ Eliney Pitangueira de Andrade.

²⁶ Nome sujeito a confirmação.

que eu comecei a jogar no gol e foi muito bom. Ganhamos o campeonato em Maringá e fomos para a China. Imagina, treinando muito pouco, treinando em uma Escola de Educação Física do Exército, com uma diretoria, um treinador, o professor Edil²⁷ e componentes, foi para Maringá, voltou, caiu todo mundo. Aí para movimentar aí entrou o professor Fernando Pires, ex-atleta que jogava na Europa, em Portugal, com a equipe dele e foi o treinador... E fomos para a China, com pouco treino. Eu estava parada fazia uns seis anos. Aí fomos para China e voltamos da China, desclassificadas na primeira fase. Até ganhamos do Japão de um a zero, era um time bom, mas a gente não tinha estrada porque o Radar também já estava parado. O Radar ficou num limbo também uns anos antes deste campeonato, ele voltou ali em 1991 com a base do Radar mas também tinha parado alguns anos, o futebol no Brasil estava parado, estava no limbo, tinha uma coisa aqui outra ali, então, todo mundo caiu em uma arapuca, todo mundo recomeçou, então, todo mundo teve muito esforço pessoal porque a nível nacional estava tudo meio parado.

M.T. – Meg, você lembra que os jogos amistosos que a gente fazia era sempre contra o juvenil ou infanto-juvenil de equipe masculina, né?

M.P. – Sim, não tinha outras equipes. Tinha outras? Até que era bom para a gente porque eu acho que era alguma coisa já que não dava para fazer jogos mais fortes, internacionais, né, Taffarel. Então foi...

M.T. – Imagina, era ilusão gente batendo os meninos do infanto-juvenil de quatorze, quinze anos, perdia obviamente contra os moleques de dezoito, mas a gente tinha uma ilusão que já que a gente jogava contra os meninos que a gente ia chegar no Mundial e ia dar tudo certo. [riso]

M.P. – A gente se esforçava, não é, Taffarel? A gente era guerreira, todo mundo sabia jogar, mas nos faltava jogos internacionais, isso é repetido por todo o mundo que vai falar do passado...

²⁷ Edson Luis Antunes

M.T. – Faltava alimentação adequada, nutrição, treino... Comíamos a comida do Exército... [riso]

M.P. – Sim, a comida do Exército, aquele bandeirão com feijão preto, arroz e a gente ficava com a barriga estufada, depois tinha que andar um pouco para soltar uns punzinhos, era isso gente. Foi um início de guerreira por isso que eu tiro o chapéu e boto o tapete vermelho para nós, Tafarel, para nós mesmas. E para você Dilma, para a nossa geração, oras bolas. Uma geração meia esquecida e que só é lembrada quando tem que fazer alguma coisa em universidade, mas assim essas gerações mais novas elas não sabem nem quem a gente foi e olha que uma época de internet, você pode clicar lá e pesquisar... Eu tenho uma história! E, depois só para seguir com o que eu estava contando, em 1995 a gente foi para Uberlândia²⁸, foi tudo maravilhoso, tudo... O falecido Dema²⁹ classificou a gente para a Suécia, ganhamos o primeiro jogo e a Pia³⁰ já era jogadora, ela jogava na Suécia, em 1995 e eu já tinha jogado em 1991 contra ela lá na China. E ficamos em nono, só conseguimos entrar para oitavo porque a Inglaterra foi desclassificada, porque ela não podia ter jogado o Mundial com o nome Inglaterra, era Reino Unido. Ai pronto caiu fora mas, assim, era muita ilusão, era muita dificuldade... A gente jogava bola só que a gente era caída com a falta de oportunidades, não tinha ainda esse preparo, não tinha esse glamour que tem hoje. Depois apareceu Marta³¹, gente, em 2000, a Marta chegou lá no Vasco, eu fui uma ponte, mesmo sem ela saber, para ela chegar lá. Um colega falou: “Está vindo uma menina lá do nordeste, marca lá com a Helena.³²” Eu marquei a Marta com a Helena e veio a Marta com um amigo que ela morou um tempo lá no Rio antes de vir e a Marta assim começou e depois a Marta entrou para seleção em 2004 com o René³³, com a Juliana³⁴, e participou também da conquista da medalha de prata e aí teve aquele bum... Aquela seleção era muito boa, a Marta era uma referência, mas toda a equipe era boa também, a nossa equipe lá de trás era uma equipe boa, mas a gente não tinha esse laço, algumas meninas dessas seleções

²⁸ Referência aos Jogos Sul-Americanos de 1995.

²⁹ Ademar Fonseca Nogueira Júnior

³⁰ Pia Mariane Sundhage.

³¹ Marta Vieira da Silva.

³² Helena Maria Filomena da Rocha Ferreira Pacheco.

³³ René Rodrigues Simões.

³⁴ Juliana Ribeiro Cabral.

já tinham jogado lá fora, já tinha mais intercâmbio, enfim. Essa história que eu quero contar aconteceu dois anos atrás, aqui em Salvador, aqui no prédio que eu moro no Rio Vermelho: apareceu uma atleta da seleção brasileira porque tinha um parente aqui, não vou falar o nome e continua na seleção até hoje, eu nunca tive contato, mas eu tive contato aqui no elevador. Quando eu pedi elevador aqui do quarto andar para descer, ela estava dentro e falei: “Poxa, fulana de tal, que prazer te ver.” Eu estava com a Susy, descendo no elevador. “Que prazer te ver, parabéns pelas coisas e tal, isso, isso e aquilo.” A Suzy falou: “Essa é a Meg, foi a goleira da seleção.” Ela falou: “Não conheço!” Ela falou assim para mim: “Não te conheço.” Gente, eu olhei assim... Sabe quando que te dá uma coisa assim, como que vou dizer... Tudo bem, não precisa me conhecer pessoalmente, mas, peraí, então não tem um respeito para nossa geração? Não conhece ninguém de quem abriu os caminhos, e nem sabe nada porque eu tive uma passagem rápida também de desbravadora na SporTV como comentarista de 2008 a 2013. Me botaram lá, eu aceitei, aprendi, foi difícil, mas foi uma experiência saudável, depois veio a Leda³⁵ junto comigo e a gente foi... Então, poxa, alguma coisa ela deve ter visto quem foi a Meg e era uma atleta depoente, uma atleta que ainda está na seleção... Ela olhou pra mim e falou: “Não conheço, não sei.” Descemos do elevador e depois a vi mais uma vez. Aquilo foi uma coisa muito... Daí eu vi, poxa, então é assim? As atletas não devem saber quem foi as gerações lá de trás? Essa história me marcou muito, me entristeceu!

M.T. – Meg, pegando o gancho do que você acabou de falar, o que você acha que teria que ser feito para que essa geração de atletas saber quem foi essa geração que desbravou o caminho? Porque eu vejo assim, que a nossa história ela não é contada... A gente não tem nada contado lá na CBF³⁶, dessa geração que desbravou, então, que que é necessário, o que que você vê que é necessário para que essa geração poder pelo menos saber das desbravadoras?

M.P. – Botar na prática a teoria dos livros, dos anais da CBF alguma coisa assim, porque veja bem, Tafarel, ano passado, retrasado, na véspera do Mundial teve alguma coisa que passou aí na televisão e veio um pessoal gravar aqui, Eu fui lá no Vitória para gravar com

³⁵ Leda Maria Cozer Abreu.

³⁶ Confederação Brasileira de Futebol.

o pessoal da Globo, gravei tanto com a Bárbara³⁷, conheci Bárbara pessoalmente, é uma pessoa muito espetacular. Fizemos gravação ali falando da história também, me perguntavam e veio aquela repórter apresentadora também e falei: “Poxa, que legal a gente vai ter oportunidade de falar, vai aparecer”. Cara foi uma decepção porque teve várias oportunidades de eu falar alguma coisa, eu fiquei ali a manhã inteira, a Suzi também foi, a Suzy então não apareceu nada nesse vídeo, nem o nome dela, e eu acho que apareci falando alguma coisa tipo: “Não, a gente era chamada de perna de pau” e depois passando a mão assim na rede e foi só isso. Eu falei que nunca mais ia dar entrevista para mais ninguém, entendeu? Então o que precisa? Você, quando é convidada, você vai, faz um esforço para plantar história, não para aparecer, mas para mostrar que eu fiz história. A gente tem que mostrar quem a gente foi e quando uma fala, está falando por todas, por todas as atletas, está falando pelas de 1988, de 1991, de 1994, de 1995, de 1996... Por todas, é uma por todas e todas por uma! O que está faltando pra essa geração mimimi? Essa geração que não sabe nem quem foi a Meg ou quem foi a Tafarel, o quem foi sei lá o quê, é uma geração mimimi, que teve oportunidade de sair, que está ganhando mais, está na mídia, tem visibilidade... O que precisa ser feito? Chegar lá na CBF, entrar lá, fazer protesto: “Vocês tem que começar a divulgar quem foi que começou isso tudo!” Porque a mídia, a gente faz os programas, mas ela não destaca não aparece, o que eles gostam de falar que apareceu bastante nesse programa, acho que foi dois ou três domingos... Apareceu o pessoal do Rio de Janeiro, que também era da nossa geração, a Marisa falando da dificuldade e da pobreza, a Elane³⁸ falando que era motorista de ônibus, entendeu? Parece que denegrindo aquela coisa, ao invés de buscar ver a dificuldade que a gente tinha mas numa amplitude maior... Poxa, a gente precisa enaltecer porque isso faz parte da história, o futebol feminino não começou dos anos 2000, 2004 para frente, ou 2008 ou 2012, no Panamericano do Rio de Janeiro em 2007, que eu fui assistir a final. Começou bem antes, não é?

J.C. – Começou muito antes Meg e eu acho que o que você fala é o que faz sentido para gente, pois hoje falta esse reconhecimento... A gente não pode esperar da CBF que é uma entidade e a gente precisa fazer. Agora, do jeito que você fala, parece que você gostaria de ter por toda essa história que você contou para a gente e que é fantástica, é um

³⁷ Bárbara Micheline do Monte Barbosa

³⁸ Elane Rego dos Santos.

reconhecimento de visibilidade. Pouco importa quem seja, mas é tornar cada vez mais essa história e todas as histórias visíveis para todos em qualquer lugar

M.P. – Que nem eles fazem com o futebol dos homens, a gente não cansa de ver documentários, puxa, nós não temos isso. Eles podiam aproveitar antes de uma Olimpíada, antes de um Mundial, já que vai passar na televisão, pegar lá um patrocínio para passar também algumas coisas, vamos lembrar quem começou, faz umas coisinhas lá de 1988 vamos lembrar os times da década de 1980, dos desafios entre Rio de Janeiro e São Paulo com o falecido Luciano do Valle que fazia todas aquelas coisas... Eu cansei de sair dos treinos da seleção brasileira no Rio e ir para o aeroporto fazer esse jogo de desafio e voltava para o Rio e treinava na seleção de handebol. Foram várias vezes... Enfim, teve um passado, esse passado está escrito, isso ninguém pode tirar da gente, eles não querem impor, oras bolas, um dia isso vai aparecer. Eu sempre falo: “Quando a gente falar na mídia, a gente fala por todas e cada uma de nós tem a obrigação de falar da sua parte a verdade, o que passou dentro do seu clube, da sua seleção, da geração. Tem coisa que a gente não pode falar, de coisa de tititi, de intriguinha, isso ficou no passado, coisas que aconteceram, deixa para lá, mas temos a obrigação de falar algumas coisas importantes.” Sempre tem alguém de uma universidade que me manda e-mail perguntando coisas. Daí eu falo: “Olha, eu estou falando a verdade, agora se você vai publicar isso, espero que publique do jeito que eu estou falando, mas me manda o que se vai publicar porque eu não posso falar uma coisa que é verdade e você publicar uma coisa que não é verdade”. É isso!

J.C. – Sensacional Meg, mas assim já que tu tocou nesse assunto de documentário de década de 1980, eu queria que você falasse um pouco dessa época e trouxesse para gente a questão da sua vivência em relação ao futebol ser profissional e ser uma ocupação. Em um determinado momento você não quer o futebol porque tem o handebol, mas você trabalhava? Você vivia do handebol? Quando você passa para o futebol, você passa a viver só do futebol ou você ainda trabalha, tem uma outra profissão? Eu queria que você falasse dos times, dos confrontos de jogos que você lembra, dessa década de 1980.

M.P. – Eu trabalhei desde que eu cheguei no Rio e Janeiro, em 1979, mas eu comecei a trabalhar devagarinho com algumas aulas na faculdade. Depois comecei a trabalhar em colégio particulares e a minha primeira matrícula na Prefeitura, que eu me aposentei em

2007, eu passei no concurso em 1986 e aí então já fui preenchendo mais a minha semana quase toda dando aula, trabalhando. Eu nunca ganhei nada com o handebol, o handebol me deu bolsa de estudo na Faculdade de Fisioterapia. Eu nunca ganhei um tostão com o handebol, nem dentro do Brasil, nem nos jogos internacionais, a gente não tinha diária, não tinha nada. Eu treinava handebol a noite porque eu trabalhava de dia [riso], nunca ganhei nada, e com o futebol também nunca ganhei... Minto, o Radar, ele sempre buscava patrocínio particular, ele buscava patrocínio, então a gente ganhava, eu não sei quanto cada uma ganhava, mas assim era um patrocínio do Banco BRJ. Eu jogava com uma fitinha aqui, BRJ, e daí botava BRJ na camisa do Radar, então, patrocinava um salário mensal que eu pegava lá no clube, mas era um salário quase igual o que eu ganhava ou até menos. Eu nunca ganhei muita coisa para poder parar de trabalhar.

T.P. – Esse relato que você conta da jogadora que te encontrou no elevador e não sabia quem tu era, é bem triste. Mas eu vejo assim, eu como ex-atleta, que infelizmente esse universo do esporte é muito pobre de cultura, muito pobre de interesse geral, sabe, de conhecimento geral por parte das atletas. A gente perde muito, até mesmo pela falta de reconhecimento e visibilidade.

J.C. – Posso falar aqui uma grande besteira, mas é o que eu tenho pensado muito, é que durante muito tempo a gente quis estrutura, quis visibilidade, quis ter as coisas que os homens tem. Resta saber se a gente quer do mesmo jeito, porque no masculino eles só sabem que tem um outro porque eles têm visibilidade, porque estão na mídia o tempo inteiro. Ninguém procura a história também, assim é cultural, nunca ninguém me levou para dentro de um museu para conhecer a história do futebol. Me pergunto que futebol de mulheres a gente quer, a gente só quer estrutura, só quer condições iguais?

M.T. – Mas é aquilo que eu falei também, você vai no museu da CBF, você não tem nossa história lá, você não tem história contada do futebol feminino...

J.C. – Mas isso não impede de eu conhecer a história, pouco importa se a CBF não quer reconhecer a história, mas isso não impede de eu buscar, se tiver interesse. Entendeu, eu acho que pensar no futebol de mulheres é fugir a todo momento do que é o futebol dos

homens, apesar da gente querer muita coisa do que tem nos homens. A Meg agora falou: “Eu quero reconhecimento, porque que não tem um documentário, não tem quase nada....

S.G. – Meg, tem coisa que eu acho que é importante e eu queria te perguntar: Você participou daquele jogo no Morumbi³⁹, organizado pela Rose do Rio⁴⁰ realizado durante o festival de arte⁴¹ organizado pela e com a Ruth Escobar⁴²?

M.P. – Sim, foi a seleção carioca contra seleção paulista... Eu não lembro nem como é que a gente foi, se foi de ônibus, de avião, de navio, submarino, não lembro, você acredita? [risos] Eu sei que a gente jogou e o Eurico Lira também estava presente. A Rose do Rio sempre se movimentou bem dentro do esporte, do futebol, ela também fazia parte, era daquele início lá das praias e tal. Eu estava presente, não lembro das reuniões a Democracia Corinthiana, né, com o Casagrande⁴³, com o pessoal, não lembro disso, não vi nenhum deles. Eu só lembro que eu joguei no gol e o jogo ficou meio ali sai não sai e a Ruth Escobar, lembro dela, acredito que deve ter sido no final do jogo ou antes de começar porque ficou... E eu sei que a gente já estava ali, aquecidas e tal, e eu lembro que Ruth Escobar tirou a camisa e ficou de sutiã, eu lembro porque eu estava perto, mas não lembro em que momento que ela fez isso... E ela organizou, ajudou a organizar esse jogo que foi preliminar de uma partida entre Corinthians e São Paulo⁴⁴. E o jogo do futebol feminino não foi tempo normal, foi pouco tempo de cada lado e quase não tem registro sobre ele. Eu sei que eu não levei gol, isso eu sei, posso dizer de mim, agora se a gente fez gol, eu também não lembro. Eu não lembro quanto que foi esse jogo, se foi muito pouco tempo, e se o jogo só saiu porque esse pessoal da Democracia Corinthiana falou que se não saísse o jogo, eles também não iam jogar. Eles eram assim né.

M.T. – Acho que foi o Sócrates⁴⁵ e o Casagrande que deram essas declarações que não jogariam....

³⁹ Jogo realizado no dia 12 de setembro de 1982 no Estádio do Morumbi entre selecionado de São Paulo e selecionado do Rio de Janeiro.

⁴⁰ Roseli Cordeiro Filardo.

⁴¹ 1º Festival Nacional das Mulheres nas Artes.

⁴² Maria Ruth dos Santos Escobar.

⁴³ Walter Casagrande Júnior.

⁴⁴ São Paulo Futebol Clube.

⁴⁵ Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira.

M.P. – Eu não sei quem foi que deu, Tafaíel, eu sei que tinha o Sócrates e o Casagrande, deviam ter outros mas foram eles puxaram... Eu não vi eles em cima do gramado, deve ter sido lá embaixo no vestiário mesmo, e quem estava presente, quem viu, eu não sei. Sei que o jogo foi por conta disso porque que não queriam deixar sair o jogo por causa do decreto que proibia o futebol feminino. E por conta disso, acho que estava todo mundo meio batendo cabeça no Brasil, as federações e até a CBF, porque ninguém sabia direito se podia deixar jogar.

J.C. – Você jogou de forma ilegal, Meg... [riso]

M.P. – Meu Deus, eu vou para o inferno! [risos]

J.C. – Meg, eu gostaria de lembrar a pergunta que fiz... Você poderia tentar lembrar aquela confusão da década de 1980? Em 1988 você recebe a primeira convocação, mas recusa por causa do handebol. Daí para de jogar futebol, depois vem outra convocação e você volta para o futebol. No meio disso tudo, você ainda trabalha?

M.P. – Sim, sempre estou trabalhando. Eu me formei em 1977 em Maringá e em 1978, fui para a capital, para Curitiba para estudar, fazer cursinho no Positivo porque eu queria passar na faculdade de Fisioterapia, mas ainda tinha idade o JUBS, que era até vinte e oito anos... O handebol nunca me deu nem um centavo, me deu faculdade, não a de Maringá porque a de Maringá era pública e não pagava nada. No Rio de Janeiro eu tive a bolsa e eu trabalhava, então, eu ganhava meu salário como professora, só que comia na faculdade e vinha descontado todo mês no contracheque o meu almoço na faculdade, descontava no meu salário [riso]. Eu ganhava *bem* pouquinho, mas quando desgarrei lá da minha família, que Maringá era pertinho, sempre ia visitar, eu desgarrei, falei: “Olha, eu estou me desgarrando e vou a luta até financeiramente.” Em Curitiba meu pai me sustentou um ano lá fazendo cursinho, pagando o cursinho, pagando apartamento e tudo, mas eu falei: “Agora não, agora eu vou galgar com os meus degraus e quando cheguei no Rio primeiramente foi uma pancada... Fui para o Rio, com meu tio falecido de São Paulo, fomos num Corsel e quando chegou no Rio, que me apresentei na faculdade, o cara que me chamou ficou desnortado porque ele me chamou, mas ele não tinha preparado o lugar

para eu ir. Daí ele chamou uma amiga da faculdade de Pedagogia e falou: “Olha, você precisa arrumar um lugar aqui para essa atleta, que a gente chamou e tal.” Isso com minha família perto, minha arregalou o olho desse tamanho, e eu... E ai fomos lá para a Vila da Penha, perto de Bonsucesso, e era uma família maravilhosa, sabe? Tipo assim, nunca tive preconceito de nada, lá em Toledo sempre teve preconceito em várias coisas, cidade do interior, de negros, de viúvas, de solteiros, de tudo, né, porque aquela raiz do interior, a Taffarel sabe como que é pesado... Aí essa família era uma família honrada, legal, uma família de negros e para mim, com vinte e três anos, não foi um choque porque eu convivia bem lá em Toledo e minha família também com essa situação, mesmo naquela sociedade hipócrita. Para mim foi um aprendizado, eu fiquei ali quase um ano, eu ia para a praia de ônibus com esta família, ficava todo mundo junto, achei maravilhoso, só que aí me puxaram o papel da faculdade. Eu falei: “Não, vou para perto da faculdade, trabalhar perto porque eu ganhava pouco e a faculdade descontava do meu salário, o meu almoço... Aí uma pessoa me falou: “Aqui do lado da faculdade tem uma senhora de idade, a dona Georgina⁴⁶, que ela aluga quartos para estudantes da faculdade e você pode ficar aí”. Sim, beleza, só que eu paguei também e ela não tinha quarto, ela só tinha o sofá da sala. O meu quarto era o sofá da sala e ela morava bem em frente a Avenida Paris, a SUAM fica na Avenida Paris e o apartamento era em um predinho antigo de portugueses, sem luxo, tinha escada, não tinha elevador nem nada. Eu falei: “Está bem, eu vou dormir em um sofá da sala”. E aí era um apartamento simples, tinha um quarto ou dois, e tinha alguns estudantes lá. Lembro que chegava sete horas e a senhora via a novela e tinha que desligar a televisão... Eu ficava... Meu quarto era o sofá da sala, ela entrava para dormir no quarto dela e eu tinha que dormir ali. Eu morei assim um ano, dois, sabe? Cara, foi difícil, quase que eu vim embora, daí falei: “Eu não vou não, mas não vou mesmo!” Daquele apartamento da dona Georgina, tinha só mais um andar acima, que ficava a dona Olinda⁴⁷, uma portuguesa, viúva, de idade, que morava com uma funcionária também negra, com a filha, gente boa para cacete que me falou: “Olha, eu posso alugar um quarto”, porque ela via aquela situação ali em baixo de eu dormir na sala. Aí eu aceitei, mas foi mais caro e eu tinha que economizar mais ainda porque eu tinha que pagar a minha comida, tinha que pagar o quarto, e o meu salário era só de um emprego. Era pouco, aí fui para o quarto e melhorou bastante porque daí eu tinha um quarto [risos], um quarto bom, com uma cama

⁴⁶ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁷ Nome sujeito a confirmação.

boa e tal. Mas foi um início muito difícil, isso foi em 1979 lá na Vila da Penha, acho que 1980 na dona Georgina, daí em 1981 eu subi para o quarto. E como o entrosamento dos jogos universitários que eu disputava pela SUAM, eu fui começando a conhecer pessoal e aí fomos para nossa primeira república. Era todo mundo duro, todo mundo sem grana, todos estudantes. Tinha a Ivonete⁴⁸, que agora é médica agora em São Paulo, a Nazaré⁴⁹ lá do Rio, e tinha uma de Maringá. Formamos ali a primeira república, foi uma coisa muito rápida e a gente dividia tudo. E aí acabou indo assim, sem ganhar nada com o handebol, cursando universidade com bolsa de estudo, ainda pagado minha comida, porque eu almoçava lá, mas depois que a gente foi para a república, a gente fazia a comida em casa, compramos um fogãozinho de duas bocas [riso] porque não dava... Primeiro porque não cabia na cozinha, uma geladeira [riso] tinha que ser bem pequena, mas a gente foi enfrentando as situações, entendeu, todo mundo saindo de casa e indo para a luta.

J.C. – Meg, quantos anos você ficou no futebol?

M.P. – No futebol eu fiquei de 1980, que eu comecei a entrar no Radar, aí fiquei até 1984, 1985 que eu não lembro. Saí e só voltei quando eu peguei a seleção. Em 1988 eu pedi dispensa e voltei em 1991. Foi quando o Vasco montou o time, mas a gente não ganhava nada de dinheiro, ganhava roupa, lanche e de vez em quando tinha um patrocinador lá que era diretor do clube, que era dono de posto de gasolina e que levava caixas de biscoito, levava bolsa e dava de presente, mas dinheiro a gente não ganhava, mesmo jogando no Vasco. Quando a gente voltou de Atlanta em 1996, ainda no Vasco, recebi meu primeiro salário, primeiro salário... O Radar pagava, que nem eu falei, mas era aquele salário miúdo, tinha um patrocinador que o Eurico sempre arrumava, ele contava também com o falecido Castor de Andrade, a gente fez umas viagens por conta do bicheiro... A viagem pra Espanha em 1982 foi o Castor de Andrade⁵⁰ que bancou. Então, ganhava isso com o Radar, com o futebol depois do Vasco não, só quando a gente voltou de Atlanta⁵¹, que a Helena⁵², técnica do Vasco, sentou a gente e falou: “Bom, agora a gente vai ter o primeiro patrocínio.” Aí a gente jogou com a camisa do Vasco escrito “Eu amo o Rio”, e quem dava

⁴⁸ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁹ Nome sujeito a confirmação.

⁵⁰ Castor Gonçalves de Andrade e Silva.

⁵¹ Referência aos Jogos Olímpicos de Atlanta, realizados em 1996.

⁵² Helena Maria Filomena da Rocha Ferreira Pacheco.

patrocínio era a Prefeitura do Rio. Era um patrocínio assim, tinha umas que ganhavam menos, umas ganhavam X, outra Y. Eu sei que eu ganhava mil reais...

J.C. – Meg, na sua carreira entre futebol e handebol, você sentiu que em algum momento dessa jornada era uma atleta profissional ou você sempre se considerou uma atleta amadora?

M.P. – Na minha cabeça era profissional aquele que jogava e ganhava dinheiro, certo? Não era só na minha cabeça, era assim na sociedade e era assim que rolava. Se pensava: “o futebol profissional ganha dinheiro, você tem carteira assinada, ou um contrato..” Eu, como atleta, tive muita dedicação, compromisso com a camisa do meu clube e muito mais com a camisa das seleções, das duas porque eu peguei a seleção de handebol em 1983 e sai de uma seleção só em 1996, no futebol. Eu emendei as duas, acho que foram quatorze ano de seleções, então, nas duas, eu me achava profissional, porque é muito compromisso moral, cívico, de você se cuidar.... Aí eu comecei a trabalhar mais e mais, eu treinava sábado e quando tinha uma vaga de manhã durante a semana que eu não dava aula, eu ia lá treinar no Vasco, então, eu treinava pouco porque eu tinha que ganhar dinheiro para pagar minhas coisas, eu não era profissional não ganhava para jogar... Tinha que trabalhar, além do mais eu tinha a faculdade e eu queria trabalhar na minha profissão. A maioria das meninas não trabalhavam, não estudavam, não eram formadas, dava para contar nos dedos, elas se dedicavam ao Radar. Teve época que o Radar montou um grupo, até lá em Copacabana, em um apartamento que era do Radar porque o Eurico era uma pessoa bem financeiramente... Ali ficava o time de handebol do Radar, que eu passei a jogar também handebol para o Radar, porque o Eurico fez um time de handebol... Então, por conta de eu me dedicar, porque eu me considerava atleta, eu trabalhei para ser atleta, eu me dava o máximo de mim naquele tempo, nisso eu me considerava profissional. Mas não recebia como profissional.

J.C. – É das competições, desses confrontos entre São Paulo e Rio, o que você lembra?

M.P.- Esses confrontos começaram com o Luciano do Valle e era o Radar contra as equipes de São Paulo, lembra, Tafarel? Ele começou a passar na televisão, acho que era a TV Bandeirantes. Nessa época tinha o time do São Paulo, da Polícia Militar⁵³...

D.M. – Teve uma competição que foi feita pela Câmara de Vereadores de São Paulo que era como se fosse a Copa São Paulo na versão feminino... Fomos aqui da Bahia como o time do Flamengo de Feira⁵⁴, lembra?

M.P. – Sim, a gente ficou alojada lá no Pacaembu... Então, vejam bem, Dilma, Tafarel, Silvana e Juliana, tinha muita atleta boa, esses jogos eram esperados, era um acontecimento, e os estádios lotaram. Foi uma época de glamour, tanto é que o Luciano passou direto o segundo Mundial lá na Bandeirantes

S.G. – Te referes à Copa do Mundo de 1995, realizada na Suécia, certo?

M.P. – Sim. Ele passou direto esse Mundial e no primeiro jogo ele chamou a Cenira⁵⁵ para fazer a resenha porque ganharam da Suécia. Ganhamos da Suécia de 1 a 0 com gol de Roseli⁵⁶. Não me pergunte como foi, lembro que ela e a Pretinha⁵⁷ se debandaram lá para dentro e saiu o gol, porque aquelas bichas vieram para cima da gente, elas queriam comer nosso fígado... Nós ganhamos o jogo e era feriado lá e a gente bateu a Suécia no dia que eles comemoravam a Independência da Suécia.

D.M. – Meg, eu queria ver se você lembra, de uma situação que me marcou muito no passado é que aqui na Bahia nós tínhamos uma atleta, eu não vou citar o nome dela, que em 1988 foi convocada junto com algumas atletas da Bahia para a na seleção e ela voltou porque ela tinha um biofísico bem masculino... Chegou a nosso conhecimento que ela tinha mais hormônios masculinos do que femininos e por isso foi cortada da seleção e abafaram o caso lá mas não conseguiu abafar para ela mesmo... Eu queria saber de Meg se em algum momento ela você teve conhecimento do que realmente aconteceu, porque eles

⁵³ Associação Desportiva da Polícia Militar.

⁵⁴ Flamengo de Feira Futebol Clube Feminino.

⁵⁵ Cenira Sampaio Pereira.

⁵⁶ Roseli de Belo.

⁵⁷ Delma Gonçalves.

falaram que fizeram exame mas eu não vejo naquela época condição alguma deles ter feito algum exame para comprovar isso. Ela me disse que eles levaram ela no banheiro para ver se ele tinha seio, pra ver se ela tinha...

S.G. – Isso é interessante, da gente saber, porque até agora nunca tinha ouvido algo a respeito.

M.T. – Eu lembro que uma vez lá em Maringá, teve torcedor que invadiu o campo para tocar nessa menina para ver se era homem ou se era mulher. E antes da gente viajar, antes de ter os cortes, o que passaram pra gente sobre essa menina que você tá falando é que realmente foi feito um exame que constatou que ela tinha número de hormônios masculinos acima do aprovado, mas para ela ter feito esse tipo de exame, ela deve ter ido para um laboratório especializado, mas eu não lembro de ter sido anunciado no futebol.

D.M. – Ela foi cortada e simplesmente enterraram ela. Essa menina hoje ela é invisível para o mundo, da nossa galera só duas pessoas que sabem o endereço dela, ela vive com outro nome e não quer saber de futebol de jeito nenhum... Eu queria saber se realmente houve esses testes... A gente tem um contato muito raro mas ela falou que não houve esses exames.

J.C. – Ela foi discriminada dentro da seleção

D.M. – Ela inclusive me disse que não houve esse exame e que levaram ela simplesmente em um banheiro para ver e constataram que ela tinha seios e tudo mais, mas pela questão do preconceito, da discriminação e da pressão que era muito grande, ela foi cortada. E ela era uma grande jogadora. Essa é uma situação que me dói muito até hoje, porque a gente viveu ela, a gente teve que abraçar aquela situação até hoje.

M.P. – E ela era uma pessoa muito querida, era muito meiga, ela tinha um coração enorme...

D.M. - O sentimento que eu tenho é como se fosse comigo, porque a gente passou por isso, e ela mais ainda, porque ela foi exposta e eles não tiveram esse cuidado de não ter exposto ela da forma que foi exposta

M.P. – Nem cuidado de ninguém, eu duvido que eles fizeram isso, não fizeram nada, provavelmente levaram ela... Os recrutados acharam provavelmente que ela tinha mais hormônio masculino que não podia ir, que exame que fizeram? Provar, mostrar alguma coisa, eu não fiquei sabendo disso não, entendeu.

M.T. – Nem eu

M.P. – Eu não fiquei sabendo disso não. Agora falando em exame, em 1987 no Pan Americano de Indianópolis foi geral... Eu tenho até hoje uma carteira porque a gente teve que fazer teste de feminilidade. Eu tenho essa carteira e lembro que a gente teve que fazer... A questão é que essa menina, meiga, injustiçada, discriminada, acabaram com a vida dela, que ela se escondeu... Acabou! Ela se escondeu, só ela sabe a dor que sentiu...

M.T. – É, na nossa época a gente era o que a gente era, as meninas eram o que elas se sentiam bem, não tinha essa pressão ainda de ter aparência, de ter que ter o cabelo comprido, de usar o rabo de cavalo, de usar maquiagem, não tinha essa pressão, a gente era o que a gente era. E muitas meninas sofreram por ser quem elas eram, infelizmente.

J.C. – Enfim, tem vários assuntos e questões para discutir dentro da modalidade, mas eu gostaria de voltar a sua história, Meg, que é uma história bem diferente, porque dificilmente a gente teve uma atleta que teve a vida feita dentro da universidade, que teve um embasamento tão grande e uma certeza do que queria. Você disse a si mesmo: “Eu quero fazer Educação Física, depois, eu quero fazer fisioterapia!” Quer dizer, tão nova você já formada em duas universidades, se afastou do futebol, voltou para o futebol em 1996 quando a geração de vocês já estava chegando ao fim. Nesse período você pensou no que faria depois de sair de deixar de jogar futebol?

M.P. – Quando eu cheguei de Atlanta eu estava com quarenta anos e falei: “Eu vou parar de jogar no Vasco.” O Vasco tinha um time na época vencedor e falaram: “Para a gente

não tem esse problema a idade. Se você quiser continuar, você pode continuar.” Pensei: “Está bem, eu vou indo!” Eu joguei até quarenta e quatro anos pelo Vasco e na seleção eu era a jogadora mais velha. Agora a Formiga⁵⁸ bateu o meu recorde, eu vou ter que puxar a orelha dela, porque agora ela bateu o meu recorde da atleta mais velha da seleção... Aí eu parei nessa época, em 1998, eu acho que foi meu último campeonato, foi em Uberlândia... Eu não aguentava mais por conta que comecei a sentir, muitos anos antes de parar, muita dor no meu quadril. Na seleção em 1996 eu já estava sentindo um pouco, meu quadril direito, mas eu conseguia fazer tudo, muito de leve mas depois começou a piorar e em 1997, 1998 eu jogava no Vasco com muita dor. Fui até 2007 com artrose na coxa femoral e fiz a minha prótese total de quadril em 2007, por isso que hoje eu não posso fazer nada de impacto, então, eu parei por conta disso e por que já estava com quarenta e quatro anos. E aí eu já fiquei trabalhando no Vasco na Sub-17 que foi onde a Marta entrou. Eu era a técnica das goleiras e ficava na comissão técnica, eu não tinha a intenção de... Eu fiz também duas pós graduação, eu fiz pós-graduação na Universidade Estácio de Sá, de gestão de negócio no esporte, nessa área, fiz outra pós-graduação de musculação e falei: “Será que eu vou fazer mestrado? Não, cansei de estudar, não vou fazer nada disso”. E aí eu falei: “Poxa, eu não quero ser técnica de futebol, não tenho esse perfil, ser treinadora de goleira também não vai dar para mim. Como é que eu vou ser treinadora de goleira com uma prótese, não vai ter chance para mim.” Eu mesma me desqualifiquei, tirei meu time de campo [riso]. Primeiro porque o médico que me operou, falou: “Meg, você colocou uma prótese importada”. Eu tinha cinquenta e três anos, quando operei, acho que era cinquenta e um, e era uma prótese importada, que ele peitou com meu plano e ficou um mês para decidir porque o plano não queria liberar. Ele dizia: “Você não pode fazer impacto, você vai ter que evitar de correr, fazer musculação”. E eu tinha toda a minha vida em cima disso, aí eu tinha que sair do campo, eu poderia até ser uma treinadora de goleiro, eu não queria ser técnica, eu pensava em ser diretora, supervisora, mas eu não fui por aí e a vida me levou pra outros lados, comecei a passar em concurso, passei mais em concurso e a minha vida estava muito cheia e quando o Vasco encerrou e aí que fechou geral e eu fui para minha vida profissional...

S.G. – Meg, o como entrou a atuação de comentarista na tua vida?

⁵⁸ Miraildes Maciel Mota.

M.P. – Como entrou o SporTV na minha vida? Foi porque eu sempre estava dando entrevista, desde o clube até na seleção. Tafaíel também fazia isso, porque as meninas se escondiam, mas em clube não queriam ir. Não é todo que tem coragem de se apresentar na frente de uma TV e falar, até pela dificuldade de falar, pela cultura, pelos estudos, pelos bancos escolares e tal. E aí quando eu fui fazer a final de 2007 que foi Brasil e Alemanha, na China, que a Alemanha ganhou de 2 a 1, eu já tinha feito bastante programa lá no SporTV e uma diretora, quando saiu desse jogo... Eu fiz com Ana Paula⁵⁹, e Milton Leite na narração e falei muito pouco porque foi minha primeira vez. Eu já fazia debates, participava de alguma coisa, mas de narração não, de comentarista não, e aí ela me abordou na saída desse jogo e falou que a SporTV ia subir mais um degrau e iam começar a passar os jogos da seleção. Isso foi em 2007 e quando foi em 2008, que teve o primeiro Campeonato Sub-17, acho que na Nova Zelândia, ela me ligou: “O SporTV vai passar os jogos direto e você aceita ser a comentarista?” Eu falei: “Só se vocês me derem aula, [risos] vocês vão me ensinar alguma coisa?” Ela falou: “Não precisa ensinar nada, você vai lá e fala da sua experiência, como se tivesse lá no gol vendo o pessoal jogar.” Falei: “Sim, isso eu posso fazer, mas e a técnica, eu vou falar de dentro de um tubinho, que eu sei que fica lá falando olhando uma televisão, vou ter que anotar todos os nomes, vou ter que estudar todas as equipes como que se classificou, o nome delas, onde joga, e ainda acompanhar aquilo tudo, eu não sei se vou ter competência para isso porque eu nunca fiz.” Ela falou: “Vai, vai lá que se vai!” Porque não tinha outra, ela não conseguiu outra, eu falei: “Eu vou!” Os jogos eram duas, três da madrugada, aquele fuso horário e eu chegava morrendo de sono... [riso] Como que eu comecei a fazer isso? Eu estudei a coisa toda na televisão, quem era Nova Zelândia, ganhou de quem, anotava atacante, anotava defesa, quantos gols fez, os comentários da internet, eu fiz campos de futebol no papel, eu treinava posicionando as atletas no campo para eu poder chegar lá e saber mais ou menos, e a escalação só saía dez minutos antes, tu estava lá esperando o sinal, aí vinha alguém abrir a porta: “Tal seleção!” Eu falei: “Meu Deus, como é que eu vou posicionar essa coisa aqui?” Como eu já tinha anotado quem jogava aonde, quem era atacante, meio de campo e defesa, eu pegava meu papel, minha cola, e naqueles dois minutos, cinco, eu jogava: “Eu vou jogar essa atacante aqui, essa aqui, eu vi que ela joga aqui, e depois eu vou corrigindo.” E era assim que eu fazia, levava caneta de cor, vermelha ou preta e outra cor, e aí quando eu não colocava ela no lugar certo que ela estava jogando em outra posição, eu mudava ali, e

⁵⁹ Nome sujeito a confirmação.

assim eu fui aprendendo a me virar nos trinta, sem poder olhar muito no papel, olhar o que acontecia, que o narrador me chamava e eu tinha que estar sabendo o que eu ia falar daquela jogada. Olha, foi uma grande experiência que eu tive de 2008 a 2013... Quando vim para a Bahia em 2012, ainda fiz os jogos da Copa do Brasil, fiz a Olimpíada de Londres, fiz várias coisas entre 2008 e 2013 fiz bastante coisa, até que chegou um momento que essa diretora, falou: “Meg, eu estou sozinha, seria bom a gente revezar pra ter outra pessoa porque são muitos jogos, você indica alguém?” Falei: “Poxa vou ter que indicar alguém que saiba falar, que tenha uma formação, que não só jogou porque também tem que se apresentar, tem que saber pelo menos falar”. E eu indiquei a Leda, porque ela foi jogadora, era formada e a Leda poderia ter uma dificuldade no início que ela não era muito de falar não, depois ela aprendeu isso e ela sabia muito bem fazer o comentário do jogo, provavelmente mais do que eu, porque tinha goleiros que eram comentarista, Raul e outros, mas ela pegou muito bem e ela um tempo lá. Agora está aparecendo comentaristas profissionais, da própria TV, jornalistas formadas e que na minha opinião algumas, algumas delas estão indo muito bem, não todas, algumas sim. Aliás, quero te dizer, Juliana, você é ótima como comentarista.

J.C. – Obrigada!

M.P. – Suas participações que tinha no programa eu assistia tudo [risos]. E assim foi indo a minha vida, tanta coisa, tanta história, meu Deus, parece que nem passou esse tempo todo...

M.T. – Às vezes eu olho e não percebo que fazem quase dezessete anos que estou nos Estados Unidos, parece que foi ontem que eu mudei pra cá. É aquilo que você falou, piscadinha de olho...

M.P. – E passou...

J.C. – O Meg, são dez e vinte da noite, confesso que eu tenho cinquenta mil perguntas para te fazer porque o papo está tão bom, você fala umas coisas tão interessantes, mas eu queria que você olhasse para essa geração atual, para as condições que elas têm... Queria que você falasse um pouco como você vê esse futebol e como que você vê o comportamento

dessa geração diante de tantas coisas que precisam ser debatidas, discutidas, visibilizadas...

M.P. – Então veja bem, tem verdadeiras atletas que eu vejo, que quando a gente vê jogando a gente já vê aquelas que tem aquele sangue, aquela coisa, mas eu acho que essa geração agora mais nova, tirando as mais veteranas, elas são muito exibicionistas, elas tão pegando agora as aberturas que elas estão jogando fora do país, sei lá, 80% delas e parece que elas não fazem parte desse país, só quando elas vestem a camisa tem a cor do Brasil. Eu não sei sabe, elas não têm uma identidade no esporte que elas fazem, porque se elas tivessem até algumas vezes algum reconhecimento, entrevista, alguma coisa, elas reportavam com alguma coisa das gerações que passaram lá atrás, que abriram os caminhos, mas elas não falam nada... Não teve muito respeito dessas atletas novas, eu acho que elas... Não sei se elas vão ter, porque elas não estão passando pelas dificuldades que nós as antigas passamos, as desbravadoras. Você Juliana também foi, porque você chegou até 2004, e ganhou medalha de prata. Mas também eram desbravadoras, certo, elas não passaram por isso, entendeu, elas tiveram muita... Elas já pegaram assim, várias Olimpíadas pela frente, que o mundo já tinha participado, Mundiais, o Sub-17, o Sub-20, muitas delas passaram no Sub coisas que a nossa geração não passou, nem de longe, passei em Sub nenhum, a nossa geração não passou. Vão para tudo que é lugar, ficam em hotel de luxo, ganham bicho, ganham tudo, agora a diária a CBF, demorou, mas estão ganhando que nem os homens, o que é ótimo, porque elas são privilegiadas... O que elas tinham que fazer? Era colocar a mão na consciência e... Cara, elas têm obrigação porque elas estão praticando um esporte que elas não abriram, elas começaram a jogar mas teve muita gente que abriu caminho para elas, elas não reconhecem isso, como que elas podem reconhecer isso? Reconhecer, falando de vez em quando, quando dão uma entrevista, quando têm uma oportunidade, abre o bico, não precisa toda hora falar, mas façam uma referência... Elas podem fazer alguma referência velada, em uma *live* alguma coisa, mas tem que fazer a nível nacional, entendeu? Para poder divulgar o que a gente fez lá atrás, não é o papel delas, isso é a gente que tem de pegar, mas a CBF está deixando muito a desejar, era papel dela também, principalmente dela, porque que tem dos homens e não tem nada da gente, vai esperar o que? Ter cinquenta mundiais das mulheres? É cansativo gente.

J.C. – É algo pra se pensar, Meg

S.G. – É por isso que a gente está aqui, Meg, que é ouvir as histórias das pioneiras, ouvir vocês porque reconhecemos o que vocês fizeram e a importância que essa geração tem para o esporte nacional.

M.P. – Sim, a CBF pouco faz por esse reconhecimento. Vejam a Sissi⁶⁰, ela é uma celebridade e quando ela vai para uma Olimpíada todo mundo quer pegar autógrafa dela... cara, ela saiu da seleção, acho que até meio pela porta dos fundos, que que é isso? Não tem reconhecimento com essa mulher? Isso é um exemplo, porque ela é um ícone, ela é a nossa Imperatriz, entendeu?

M.T. – Meg, só pra adicionar ao que você falou hoje, a gente tem duas mulheres lá dentro da CBF à frente do futebol feminino e eu acho que a gente tem essa oportunidade de passar essas informações para elas. A gente tem contato com a Duda⁶¹ muito mais diretamente agora, e eu fico cobrando a Duda o tempo todo: “Duda, pelo amor de Deus, precisamos do futebol feminino no Museu da CBF... Tem alguma coisa lá sobre a seleção de 1988, sobre a seleção de 1991?” É isso que a gente quer, visibilidade para o que fomos. A gente já nem pensa em dinheiro, em valor monetário, porque isso já passou da época, mas a gente quer ter o nome lá na CBF. Eu até falei, quando a gente vai na CBF ou qualquer outra pessoa vai na CBF, tem os nomes lá da seleção de 1979, da seleção de 1958 masculina, da seleção de 1972, os jogadores que participaram dos Mundiais e tal... É a única coisa que eu quero é ver meu nome lá dentro da CBF, da seleção de 1991, que foi o nosso primeiro Mundial. Tipo assim: Márcia Tafalet estava lá na seleção, não importa se era titular ou não, mas meu nome tem que estar lá. Faz parte da história, não é?

M.P. – Exato. Você entra na CBF na página e também não tem nada...

J.C. – Meg, falando sobre isso, o que você espera como reconhecimento, por tudo o que fez pelo esporte?

⁶⁰ Sisleide Lima do Amor.

⁶¹ Eduarda Marranghello Luizelli.

M.P. – Vou ter que falar, é como a Tafarel disse: ter nosso nome escrito lá na CBF porque é a instituição do Futebol no Brasil. Claro que é a Confederação e que tem a visibilidade porque você chegou no topo de defender uma seleção, inclusive também do COB... Eu não sei se tu tem alguma coisa lá, do COB⁶², das atletas que participaram, porque quando você vai para uma Olimpíada você vai pela Confederação Olímpica. Não sei se tem o nome de alguém, não sei, eu também não pesquisei isso daí, na CBF eu sei que não tem. É isso, é reconhecimento e uma coisa também que eu acho que poderia chegar um dia, não sei como, essas meninas que jogam e se dedicaram lá para trás dessas fases, que não estudaram, que tem a dificuldade até para hoje se manter e estão trabalhando em serviços de bar ou vendendo coisa, fazendo salgado, porque não teve uma faculdade, seria ter uma aposentadoria muito baixa. Poderia ganhar uma aposentadoria de atletas que passaram pela seleção, pelo menos da seleção brasileira, que muita gente lá da antiga são meninas de baixa renda que não tiveram chance de estudar. Isso seria maravilhoso, já pensou? Só que está demorando tanto e a maioria já está de idade, muitas passando necessidade.

J.C. – Sim. Você trabalha no que, Meg? Anda está dando aula?

M.P. – Não, eu me aposentei! Eu sou aposentada em uma matrícula da Prefeitura do Rio, em 2012 me aposentei pelo INSS⁶³, então, eu não estou trabalhando. Hoje em dia eu assisto televisão, faço *lives*, vou a praia e viajo [risos]

J.C. – Delícia.

S.G. – Oh coisa boa.

J.C. – Gostaria de estar inserida de alguma forma no futebol hoje trabalhando com futebol de mulheres?

M.P. – Dependendo da função e dos objetivos, de como seria esse trabalho, se seria um trabalho sério, se ficaria exatamente no que as mulheres estão precisando, no apoio não só financeiro, mas de visibilidade, de trabalhar em prol do futebol feminino, aí eu gostaria.

⁶² Comitê Olímpico do Brasil.

⁶³ Instituto Nacional do Seguro Social.

Mas se fosse alguma coisa assim, só por ir lá ou ganhar uma grana por isso, sem você trabalhar para o desenvolvimento geral, eu não gostaria. Porque eu acho que ia ser chover no molhado, a gente já fez isso muito lá atrás e eu não tenho mais idade para isso e nem vontade... Eu trabalharia, mas tem que saber o que que seria feito, porque a nossa história e as coisas que a gente passou são informações que valem ouro, não é para qualquer ouvinte escutar não, qualquer mão escrever, não é isso aqui... Se o pessoal aqui do Brasil não respeita ou a CBF, a gente tem que respeitar. Eu respeito muito a minha história, histórias das nossas gerações de quem passou e não vou ficar vendendo para ninguém, não é vendendo barato, é vender as informações, falar para todo mundo, para que? A pessoa está fazendo alguma coisa importante com isso? Vai levar isso para onde? Para quem? Para nos valorizar ou para se valorizar?

J.C. – Bom Meg, já estamos conversando há algum tempo, está tarde da noite... Alguém ainda tem algo a perguntar para Meg? Se não, gostaria de te agradecer e dizer muito, muito, muito obrigada por disponibilizar o seu tempo, por conversar com a gente, por contar a história da sua vida, que é uma história fantástica...

M.P. – Eu é que agradeço porque a gente vê uma luz no final do túnel com trabalhos feitos por vocês e a gente vai continuar dando nossos depoimentos, não é Tafariel? Não é Dilma? A gente sempre batalhou por isso e eles vão ter que nos engolir...

S.G. – Exatamente [risos]

M.T. – Eu não canso de falar Meg, que você na seleção, foi a pessoa que era líder, que era a pessoa que eu normalmente procurava para conversar, porque eu lembro das nossas conversas até hoje, quando você se sente que não pertence muito pelo seu passado, que eu não era carioca... Eu era gaúcha, que veio de São Paulo que de repente caiu na seleção e eu sentia que eu não pertencia àquele grupo das cariocas, mas que no fim eu abracei e elas me abraçaram e você era a pessoa que eu tinha total confiança e o total conforto para conversar. Era líder, era uma pessoa que me passava uma segurança muito grande dentro da seleção, então, isso sempre vai estar marcado comigo e eu agradeço para o resto da minha vida.

S.G. – Meg, mais uma vez, te agradeço por essa noite maravilhosa. Obrigada.

J.C. – Beijos Meg, obrigada e boa noite!

[FINAL DA ENTREVISTA]